

Teo
Lite
rária



V. 2 - N. 4 - 2012

Literatura e Teologia da Libertação

*Antonio Manzatto**

Resumo

O autor se pergunta se há interesse da Teologia latino-americana da Libertação, conhecida por seu compromisso com as transformações históricas da sociedade em benefício das classes pobres, em manter um diálogo com a literatura ou se isto poderia significar uma alienação da realidade sócio-histórica e,

*Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina (Louvain-la-Neuve, Bélgica, 1993), apresenta a primeira tese sobre Teologia e Literatura, sob orientação de Adolphe Gesché sob o título de Teologia e Literatura. Uma reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado, obra que vem a ser a primeira produção teológica desta natureza no Brasil. Professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e Professor convidado na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Louvain. Membro co-fundador da Associação Latino Americana de Teologia e Literatura (ALALITE) e criador do Grupo de Estudos de Literatura, Religião e Teologia (LERTE/PUC-SP). Trabalhos publicados mais importantes: Teologia e Literatura - Uma reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994; A reflexão teológica a partir da literatura. Pequeno percurso autobiográfico. In: ROCHA, Alessandro; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. (Org.). Teologias e Literaturas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 129-151; Uma leitura de Informação ao crucificado In: DE MORI, Geraldo; SANTOS, Luciano; CALDAS, Carlos (Org.). Aragem do sagrado - Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 2011, p. 213-234; Pequeno panorama de teologia e literatura In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Ângela. (Org.). Teologia e Arte. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 87-98; Le théologien, responsable du monde In: GAZIAUX, Éric (Org.). Responsabilité et tâches du théologien. Leuven/Paris/Walpole: Peeters, 2009, v. 38, p. 105-120; O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana In: LOPES GONÇALVES, Paulo Sérgio & BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). Concílio Vaticano II, análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 207-225; Bento XVI e a teologia: o lugar da teologia na universidade In: ABREU, Elza Helena de; ZACHARIAS, Ronaldo. (Org.). Teologia da Criação e marcos do magistério de Bento XVI. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 103-119; Cristologia latino-americana In: SOUZA, Ney de. (Org.). Temas de teologia latino-americana. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 25-65; La théologie en Amérique latine. Résultats marquants et défis actuels In: SEVRIN, Jean-Marie et HAQUIN, André (Org.) La théologie entre deux siècles. Actes du colloque organisé à l'occasion du 575e. anniversaire de l'Université Catholique de Louvain. Louvain-la-Neuve: Publications de la Faculté de Théologie, 2002, p. 113-126; Pour une anthropologie du risque In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul (Org.). La foi dans le temps du risque. Paris: Cerf, 1997, p. 13-30.

por conseguinte, descompromisso com as causas populares. Apresenta, então, uma série de argumentos que ajudam a perceber a importância de tal diálogo a partir da opção preferencial pelos pobres como seu elemento chave, seja para a elaboração teológica, seja para a leitura que se faz da obra literária ou, mesmo, para a percepção daquilo que esta reflexão teológica, própria de nosso continente, pode apresentar como seu contributo específico e característico para o estabelecimento deste diálogo com a literatura.

Palavras-chave: Teologia e Literatura, Teologia da Libertação, Antropofania, Revelação.

Abstract

The author calls in question if there is interest in Latin American Theology of Liberation, known for its commitment to the historical transformations of society in favour of the poor, to maintain a dialogue with the literature. Except, if this could mean an alienation of the socio-historical and therefore causes disengagement with popular causes. This paper will present a series of arguments that help to realize the importance of this dialogue from the preferential option for the poor as its key element, into the specific contribution and characteristic for the establishment of this dialogue with the literature.

Keywords: Literature and Theology, Liberation Theology, Anthropophany, Revelation.

Introdução

São 520 anos da chegada de Colombo a este continente que passou a ser chamado de americano. São 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II, aquele que procurou fazer um *aggiornamento* da maneira de ser igreja no século XX, em tempos de modernidade. São 40 anos da Teologia da Libertação, contados a partir da realização do lançamento do livro de Gustavo Gutierrez¹, em 1971, e do famoso Encontro de El Escorial, em 1972². São outros tantos anos de pesquisa e trabalho que procuram relacionar literatura e teologia, fazê-las se aproximarem para poderem dialogar. Neste contexto, parece que estamos no tempo oportuno para, mais uma vez, colocarmos a pergunta sobre as relações entre

1. Gustavo Gutierrez, *Teología de la liberación, perspectivas*; Lima: CEP, 1971.

2. Trata-se do I Encontro de El Escorial, organizado pelo instituto espanhol Fé y Secularidad e realizado em julho de 1972, que contou com a presença de importantes teólogos latino-americanos da época e que acabou sendo como que a apresentação da Teologia da Libertação latino-americana ao continente europeu.

a literatura e a Teologia da Libertação, aquela comprometida social e politicamente com os mais pobres da sociedade. Em muitos sentidos a aproximação entre teologia e literatura parece afastar a reflexão da realidade social das classes populares e empobrecidas. Parece até que o recurso à literatura clama por outro tipo de reflexão teológica que aquela que parte da realidade dura e crua analisada pelas ciências do social. Pode-se, então, falar de outras coisas que não seja a dura realidade do pobre e da necessidade de transformação social. Mas será necessário que assim seja? O recurso ao literário deverá ser negação ou alienação das questões sociais para que o discurso teológico se centre apenas na transcendência ou na interioridade do indivíduo? Em vez de uma reflexão sobre o papel social da literatura, o a questão pode ser abordada, principalmente, a partir de um estudo de teologia fundamental, ou seja, da compreensão do que seja teologia, quais suas referências básicas e qual o seu papel na vida do crente.

1. A atualidade da Teologia da Libertação

Nascida nos anos 70 em terras latino-americanas, a Teologia da Libertação progrediu rapidamente, espalhou-se por todo o continente e por outras terras e provocou muitos debates e muita polêmica. Sua proximidade com as questões sociais e políticas, incluindo aspectos próximos do marxismo, trouxe à baila reações até violentas por parte daqueles que querem sempre manter separadas as práticas religiosas da prática política, a menos que possam controlar uma e outra. A transformação eclesial dali decorrida, a organização das Comunidades Eclesiais de Base e a força sócio-política do povo cristão organizado, questionou as estruturas do governo e da sociedade, propondo e apontando para outras formas possíveis de se organizar a vida social e política a partir do direito dos pequenos. Em época de ditaduras na maior parte do continente latino-americano, compreendem-se bem as reações contra este tipo de pensamento e prática cristã que originou o combate levado a cabo contra a Teologia da Libertação pelos setores mais conservadores da sociedade e da igreja.

Hoje a situação é diferente. Por força da atuação dos cristãos e da Igreja comprometida com a Teologia da Libertação, nossas sociedades são mais democráticas e inclusive vários governos de esquerda instalaram-se ou estão instalados em países latino-americanos. A prática religiosa também sofreu profundas alterações, não apenas com a diminuição da frequência religiosa por conta da secularização, mas também pelo reaparecimento de correntes fundamentalistas e intimistas que transformaram radicalmente a forma de se compreender a função da religião na vida das pessoas e da sociedade. Mais ainda, as características da cultura de pós-modernidade neoliberal trouxe outros referenciais antropológicos e sociais, ajudando a criar a sociedade que busca quase que somente a diversão e o entretenimento. No meio disso tudo, muitos aproveitam para sepultar a Teologia da Libertação, considerando-a como coisa do passado, já superada³.

É verdade que, com a mudança do contexto que lhe deu origem e sendo afirmada como uma teologia contextual, ela não pode mais se construir da mesma forma que nos anos 70. É verdade, também, que por conta disto ou por outras razões, a Teologia da Libertação passou por transformações ao longo de sua história. A “nova ordem mundial” estabelecida a partir da queda do muro de Berlim em 1989 e do fim do comunismo soviético, a celebração do quinto centenário e da Conferência de Santo Domingo⁴ em 1992 e as instruções do Vaticano⁵ sobre a Teologia da Libertação, são marcos destas transformações. Ainda recentemente a revisão empreendida por Clodovis Boff⁶ sobre seu trabalho de metodologia teológica que havia fundamentado a maneira de se fazer Teologia

3. Joerg Riger, *Lembrar-se dos pobres, o desafio da teologia no século XXI*, São Paulo: Loyola, 2009.

4. Celam, *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã; Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo*; São Paulo: Paulinas, 1992.

5. Tratam-se das duas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé: a “*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*” (*Libertatis Nuntius*), de 1984, e a “*Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*” (*Libertatis Conscientiae*), de 1986.

6. Clodovis Boff, *Teoria do método teológico*, Petrópolis: Vozes, 1998.

da Libertação e seu debate com outros teólogos⁷, mostram exatamente as transformações realizadas no interior desta teologia.

O mundo dos pobres mudou nestes últimos 40 anos e a igreja mudou também; a teologia não poderia ficar imune a estas mudanças. No entanto, algumas das conquistas da Teologia da Libertação permanecem de valor, inclusive algumas tendo sido confirmadas na ainda recente Conferência de Aparecida⁸. Pode-se citar, por exemplo, a confirmação do método ver-julgar-agir, do caminho e do valor das Comunidades Eclesiais de Base, a aproximação entre fé e vida, a leitura popular da Bíblia, a valorização da religiosidade popular, a importância da prática política dos cristãos, a força da religiosidade popular, e ainda outros aspectos. O mais importante, no entanto, é a opção preferencial pelos pobres, característica praticamente específica da Teologia da Libertação e que também foi confirmada pelo próprio papa como “inerente à fé cristológica”⁹. Trata-se da chave hermenêutica de leitura da história e da Revelação que proporciona a ruptura epistemológica própria da Teologia da Libertação. Tal princípio faz hoje parte do patrimônio comum de toda teologia cristã, constituindo-se como um dos grandes aportes da teologia latino-americana à igreja universal. Talvez seja a partir dela, então, que se deva colocar a questão da relevância da abordagem literária para a elaboração da reflexão teológica. Este é o ponto de vista de R. Mosimann da Silva em seu interessante estudo publicado em 2010¹⁰, onde lembra que toda teologia que se quer cristã não pode esquecer, em nenhum momento, seu compromisso com as pessoas pobres, e ainda afirma que a passagem pela literatura pode evidenciá-lo com mais força.

7. Clodovis Boff, “Teologia da Libertação e volta ao fundamento”; *REB* 268 (2007), p. 1001-1022; Luiz Carlos Susin e Érico João Hammes, “A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos: em debate com Clodovis Boff”; *REB* 270 (2008), p. 277-299; Clodovis Boff, “Volta ao fundamento: réplica”; *REB* 272 (2008), p. 892-927.

8. Celam, *Documento de Aparecida*, São Paulo: Paulinas, Paulus, Edições CNBB, 2007.
9. Bento XVI, *Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*.3.

10. Rogério Mosimann da Silva, “Teologia e literatura na ótica das pessoas pobres no século XXI”; *Perspectiva Teológica* 42 (2010), p. 227-240.

2. As provocações literárias

Já em meu primeiro estudo¹¹ eu havia tentado afirmar que a reflexão teológica a partir da literatura não consiste em alienação com relação às questões sociais, bem ao contrário. Para o que nos interessa, pode-se dizer que o literário não nos afasta da realidade de vida do povo pobre. De maneira diferente daquela proposta pelas ciências, o artístico em geral e o literário em especial, apresentam uma visão do mundo, uma forma de conhecimento da realidade que não se faz de forma quantitativa, aquela própria da ciência, mas de uma maneira mais afetiva, mais existencial, mas que continua sendo forma de conhecimento da realidade. Se a literatura, por seus procedimentos próprios, não nos afasta da vida real mas, ao contrário, dela nos aproxima, a teologia que com ela dialoga vai, por consequência, aproximar-se também da vida real e conhece-la para, então, elaborar sua reflexão específica.

Porque a literatura não nos afasta da leitura da realidade, mas nos permite uma leitura crítica sobre ela, cabe talvez perguntar se toda literatura pode proporcionar uma reflexão teológica de libertação. Mosimann afirma que não é qualquer texto literário que se mostra “adequado para subsidiar uma reflexão teológica sensível à vida das pessoas pobres”¹². Talvez isso seja verdade. Sua escolha do texto de Guimarães Rosa¹³ demonstra que, no mínimo, há textos que são adequados para tal abordagem. Minha experiência com os textos de Jorge Amado já o havia demonstrado, e tal escolha, na época, correspondeu bem ao interesse em se fazer uma reflexão teológica comprometida com a situação dos pobres do Brasil, já que ele foi um literato reconhecido exatamente por seu engajamento social e sua luta, política inclusive, em favor das classes mais exploradas e discriminadas da sociedade. Uma literatura comprometida pode ensejar uma reflexão teológica igualmente comprometida.

11. Antonio Manzatto, *Teologia e literatura*, São Paulo: Loyola, 1994.

12. Rogério Mosimann da Silva, “Teologia e literatura...”, p. 231.

13. João Guimarães Rosa, “A Benfazeja”, in *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 113-122.

Posto isto, confesso, no entanto, que não fico completamente satisfeito com a solução. Se apenas certa literatura pode ser importante para a elaboração teológica, não estaremos distantes daquela compreensão que dividia a literatura entre sagrada e profana e se interessava apenas pela primeira, como se a literatura tivesse importância e valor apenas pelas ideias que transmite, por sua atitude confessante ou, no caso em questão, por sua opção ideológica. Aqui já não teríamos um encontro entre teologia e literatura, mas sim entre certa teologia e certa literatura, aquelas que se reconhecem ou se repetem. O risco do círculo vicioso é bastante forte e evidente, com a teologia encontrando na literatura o que ela mesma ali plantou ou repete constantemente; ou então, o que talvez seja pior, encontrando nela aquilo que poderia encontrar em outro lugar, mas resolve encontrar na literatura para fazer diferente. Creio que algumas provocações que saem do lugar comum são, também, interessantes e bastante motivadoras. Uma literatura que navegue por águas diferentes pode ser também reveladora do ser humano e de sua condição histórico-social, e desta forma ajudar a impelir a reflexão teológica para novos horizontes.

Em recente estudo, Alberto Toutin¹⁴ preocupa-se também, de certa forma, com a questão. Sua abordagem, de resto extremamente importante e interessante, permite-lhe situar-se na cultura latino-americana como espaço contextual onde ler a obra literária e realizar sua reflexão teológica. Seu estudo da obra de Augusto Roa Bastos lhe permite desenvolver uma reflexão teológica com características profundamente latino-americanas e que se situa na linha de continuidade com a Teologia da Libertação¹⁵. Tal solução parece bastante interessante. Uma obra literária será sempre fruto de certo contexto, por ele marcada e a reflexão teológica que se realizará na sequência também terá as marcas do contexto onde a leitura é realizada, e tal procedimento é defendido pela

14. Alberto Toutin, *Teología y literatura, hitos para um diálogo*; Anales de la Facultad de Teología 3; Suplementos a Teología y Vida; Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2011.

15. Alberto Toutin, *Teología y literatura...*, p. 411-481.

Teologia da Libertação, que se quer contextual. Segundo Toutin, certa transculturalidade pode ser admitida no sentido de que o leitor pode estabelecer relações com obras produzidas em outro contexto e a partir delas realizar uma reflexão teológica que seja pertinente. Com isso se evita o risco de fechar as obras literárias em sua cultura de origem como se fosse este o único lugar em que pudesse ser lida. Afinal, os clássicos ultrapassam contextos, épocas e sociedades, e mesmo se permanecem por eles marcados, podem ser significativos para outros leitores.

O que me parece importante recordar é que a literatura é espaço de desvelamento do humano, em sua realidade e em suas possibilidades. O que chamei de “caráter antropológico da literatura” Toutin chama, com mais propriedade, de característica antropofânica da literatura¹⁶. E é exatamente isto, a literatura como espaço de revelação e afirmação do humano. Em certo sentido estaremos falando de “humanização”, presente mesmo nas obras mais pessimistas a respeito do que é o ser humano. Tal humanização não estaria distante da noção de libertação, sobretudo se aplicada aos pobres, exatamente porque o que se busca é que sua dignidade humana seja reconhecida e respeitada. Neste sentido, a literatura ajudaria a teologia a enxergar a realidade para além dos números frios dos PIBs e dos salários, para se encontrar com a humanidade antropologicamente empobrecida.

Cabe lembrar a questão, tantas vezes debatida, de saber quem é o pobre e o que constitui a pobreza. Vale dizer que a pobreza econômica conta, e muito, mas talvez não seja o único indicador do que seja a realidade da pobreza vivida pela maioria dos habitantes do continente latino-americano. Jon Sobrino alude a uma constante em todas as situações onde se afirma a pobreza, lá onde “existem maiorias de seres humanos para quem o fato de viver é uma carga muito pesada, cujo peso provém não só de limitações naturais mas, sobretudo, históricas”¹⁷. Se isto não restringe a pobreza ao sócio-econômico, contudo não esvazia a dimen-

16. Alberto Toutin, *Teologia y literatura...*

17. Jon Sobrino, *Fuera de los pobres no hay salvacion*, San Salvador: UCA, 2008, p. 72.

são das necessidades básicas dos cidadãos¹⁸. Também neste aspecto lembre-se que a literatura não aliena do real vivido, mas dele se aproxima pelos caminhos próprios das manifestações artísticas.

Destaque-se, ainda, nas culturas populares a importância das narrativas, das histórias contadas, escritas ou transmitidas oralmente. É a partir de tais narrações, históricas ou míticas, épicas ou trágicas, que o substrato cultural, os valores, a identidade e as buscas dos povos são afirmados e transmitidos às novas gerações. Como a cultura popular não maneja a linguagem conceitual, mais próxima da elaboração ilustrada, as narrações, em poema ou prosa, constituem de certa forma seu ponto de constituição de identidade. Seu ser é afirmado em sua forma de ver a vida que é expressa em sua maneira de contar as histórias que lhes são significativas. Conhecemos, no Brasil, a literatura de cordel, autêntica manifestação da cultura popular; e outras tantas, muitas vezes identificadas como folclore ou lendas e mitos, mas que traduzem a alma das populações que as criam e mantêm vivas. Por este aspecto pode-se dizer que uma teologia que quer fazer presente em sua reflexão a realidade do povo pobre, deve aprender a dialogar com a cultura popular não apenas no limite do religioso, o que normalmente chamamos de religiosidade popular, mas também ali onde se gesta sua alma, onde se exprime sua sabedoria e se concebe sua identidade, nas histórias e narrações que, eventualmente, podem incluir questões de fé e religiosidade. Só isto já bastaria para afirmar a referência que a Teologia da Libertação deve fazer ao literário, ao menos o que se convencionou chamar de literatura popular. Afinal, através de imagens e símbolos que se referem, grandemente, ao maravilhoso, o ambiente popular projeta o que se espera e o que se quer construir como mundo onde todos os povos tenham dignidade e possam autodeterminar-se, e todas as pessoas, inclusive e sobretudo as mais pobres, sejam respeitadas em sua humanidade. Uma teologia que valoriza o pobre vai valorizar, necessariamente, seu mundo e sua cultura.

18. Cf. Rogério Mosimann da Silva, "Teologia e literatura...", p. 231.

3. Opção pelos pobres

Sem dúvida a opção preferencial pelos pobres, que constitui o grande aporte da Teologia da Libertação à igreja e que hoje, de maneira incontestada, faz parte do patrimônio teológico universal, será o grande definidor do tipo de teologia que se elabora¹⁹. Sem tomar a sério a opção pelos pobres a teologia não se constituirá em relação à libertação das pessoas, e talvez nem seja mais uma teologia cristã. Já é sabido e exaustivamente afirmado que a opção pelos pobres não é exclusiva nem excludente, ao contrário, é condição para contemplar todas as pessoas, todos os povos e todas as classes sociais. Os projetos e iniciativas de todos os tipos e níveis que se preocupam em primeiro lugar com os pobres, podem interessar a todos universalmente; aqueles que não partem da realidade dos pobres os excluem pois não atingirão os últimos da sociedade e da história, e por isso não são universalizáveis. Assim, a opção pelos pobres continua sendo não apenas marca, mas exigência da Teologia da Libertação e, para seguir o dito de Bento XVI, exigência de toda teologia cristológica.

A Teologia da Libertação que dialoga com a literatura sempre terá presente esta realidade da opção pelos pobres por conta da própria exigência teológica. Ela é parte do procedimento teológico, é a chave hermenêutica de leitura da Revelação de Deus ao seu povo, de leitura da história da vida da humanidade e, por conseguinte, também chave de leitura das obras literárias. Por isso estará presente no olhar do teólogo que lê a obra literária e assim a completa, atualizando-a e ressignificando-a para o contexto onde realiza seu trabalho. Sendo procedimento especificamente teológico, mesmo que não esteja presente ou evidente na obra literária, ainda assim poderá e deverá ser utilizado. Afinal, toda teologia cristã passará, como lembra Toutin²⁰, pela realidade do Cristo e, por fidelidade a ele, passará também pela opção preferencial pelos pobres.

19. Pedro A. Ribeiro de Oliveira (org.), *Opção pelos pobres no século XXI*, São Paulo: Paulinas, 2011.

20. Alberto Toutin, *Teologia y literatura...*, por exemplo, p. 487.

Mas tal opção poderá, eventualmente, também estar presente na própria obra literária ou no procedimento criativo de seu autor. Talvez ela seja um dos grandes aportes que a teologia de marca latino-americana pode oferecer ao mundo da literatura e, pelas características das obras de grandes autores literários do nosso continente, parece que já o faz. A noção de libertação contém elementos de realização de humanidade que se inserem dentro do quadro histórico da existência humana. Ela se relaciona com a salvação eterna e transcendente, claro, mas coloca em evidência o aspecto relevante do enfrentamento da condição humana dentro deste mundo, imanente e provisório. O literário trabalha exatamente com estas realidades, inserindo nelas o desenvolvimento da vida humana. Em seu trabalho de apresentação dos desdobramentos do que seja a realidade humana, real ou possível, aponta para caminhos de humanização lá onde o humano é real e completamente humano, na realidade histórica ou para além dela. Neste sentido, os processos de libertação histórica dos pobres apontam para a mesma realidade de humanização, sua humanização, onde as condições de desenvolvimento de sua humanidade serão possíveis e respeitados. Esta realidade, que possibilitou à teologia a afirmação de sua importância e significação para a história recente dos povos latino-americanos, pode possibilitar o mesmo à literatura que se tornará, cada vez mais, expressão da vida, da alma e dos sentimentos de seu povo.

Pode-se sempre levantar a pergunta, incômoda e constante, que questionar o desvio pela literatura se a teologia já possui e conhece a opção pelos pobres. Efetivamente, não será necessário passar pela literatura para se conhecer a opção pelos pobres, que é procedimento eminentemente teológico; parece, então, que a Teologia da Libertação não teria muito, ou mesmo não teria nada a ganhar, com sua aproximação da literatura. A importância da passagem pela literatura é, exatamente, o encontro e o diálogo com o diferente. Diferente da teologia, por ser literatura; diferente de seus procedimentos ilustrados, por ser proximidade com o mundo da cultura popular; diferente de seu vocabulário de

conceitos, por ser narração e simbolismo; diferente porque lhe possibilita encontrar-se com outro mundo, o mundo da obra literária, da criatividade do autor, dos possíveis imaginários apresentados diante dos olhos e dos sentidos. Sobretudo, será importante porque permitirá à teologia encontrar-se com o diferente presente em outros projetos de humanização que não o seu próprio, projetos de autores literários e de povos que exprimem seus ideais através da literatura; este encontro possibilitará à teologia escapar da estreiteza de seus próprios limites e condicionantes, possibilitando-lhe enxergar a realidade da vida humana para além das imagens ideologicamente já definidas de consumação, plenificação ou salvação. O diálogo com a literatura vale para a Teologia da Libertação o mesmo que vale para toda teologia, ou seja, como Deus se revela no humano e a literatura é lugar de desvelamento do humano, real ou possível, então será lugar onde se poderá ler algo da revelação de Deus. Isto em termos de conhecimento de Deus e de seu projeto, expresso em realidades teológicas importantes como salvação, criação, humanização e outros ainda, que relevam do estatuto teológico da literatura. Permanece a questão a que já aludi em outros lugares²¹ sobre a literatura como lugar de afirmação de realidades teológicas, pois situada, exatamente, entre o histórico e o doutrinal. O literário é espaço de construção e apresentação, nos textos narrativos, do que seja a verdade de significação, para além do histórico e de maneira diferente da afirmação dogmática. Isto vale também para a questão da realidade da libertação dos pobres. A literatura pode expressar e significar tal libertação de maneira maior e mais significativa que qualquer outra ideologia ou simples evento histórico, como o podemos comprovar pelos próprios relatos evangélicos.

Conclusão

Não considero inviável uma reflexão teológica que se interesse pela realidade dos pobres e contribua em seu processo histórico de liberta-

21. Antonio Manzatto, "O Messias do texto"; *Ciberteologia*, 36 (2011), p. 5-22.

ção e que eleja a literatura como interlocutora. É interessante lembrar, inclusive, o interesse dos governos ditatoriais em censurar manifestações artísticas, pois nelas reconhecem uma grande força, que não lhes interessa, de transformação da realidade. Lembremos, ainda, que se a América Latina não possui grandes filósofos ou teóricos políticos, possui, sim, grandes literatos, o que pode significar que o pensamento político e social dos povos de nosso continente se encontra apresentado nas obras literárias. A passagem pela literatura será interessante para a Teologia da Libertação ao menos, digamos, por isso.

Mas há os elementos a que aludimos e que consideramos importantes. O primeiro, aquele de lembrar que a literatura não afasta do real, mas também se constitui em lugar apropriado para ver a realidade onde se vive, seja pela afirmação ou seja pela crítica apresentada na obra literária. Um outro, o de reconhecer que a literatura é lugar de antropofania, de revelação e afirmação do humano e que isto é fundamental quando se quer falar de libertação dos pobres, pois se trata de ter clareza em relação a qual tipo de humanidade aquela libertação conduzirá. E não será sem interesse lembrar, ainda, a importância da cultura popular, aquela que exprime a verdadeira alma dos povos latino-americanos e que se encontra de maneira especial nas histórias narradas por estes povos.

Em seu diálogo com a literatura, e isto também já foi dito inúmeras vezes, a teologia não abrirá mão de sua própria identidade, daquilo que lhe é específico. Em termos de Teologia da Libertação latino-americana, além dos elementos constitutivos de toda teologia cristã, afirma-se de maneira especial a opção pelos pobres. Tal opção poderá, inclusive, ser um aspecto que nutre o diálogo entre literatura e teologia, pois poderá ser o elemento que interessa à literatura e através do qual elas poderão continuar seu diálogo de compreensão do que significa ser humano neste mundo.

Bibliografia

Alberto Toutin, Teologia y literatura, hitos para um diálogo; Anales de la Facultad de Teología 3; Suplementos a Teología y Vida; Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2011.

Antonio Manzatto, Teologia e literatura, São Paulo: Loyola, 1994.

Joerg Riger, Lembrar-se dos pobres, o desafio da teologia no século XXI, São Paulo: Loyola, 2009.

Pedro A. Ribeiro de Oliveira (org.), Opção pelos pobres no século XXI, São Paulo: Paulinas, 2011.

Rogério Mosimann da Silva, “Teologia e literatura na ótica das pessoas pobres no século XXI”; Perspectiva Teológica 42 (2010), p. 227-240.